

## O cultivo dos idiomas nacionais ao tempo de Verney

Maria do Céu Fonseca  
Universidade de Évora  
[cf@uevora.pt](mailto:cf@uevora.pt)

Seria também justo que o estudante, com o tempo, aprendesse Francês ou Italiano, para poder ler as maravilhosas obras que nestas línguas se tem composto em todas as Ciências, de que não temos traduções latinas. Antigamente, entendiam os doutos que era necessário saber Latim para saber as Ciências; mas, no século passado e neste presente, desenganou-se o mundo e se persuadiu que as Ciências se podem tratar em todas as línguas. Parece-me que com muita razão; porque a maior dificuldade das Ciências consiste em serem escritas em Latim, língua que os rapazes não entendem bem. Onde, não só sabem mal a matéria, mas o tempo, que deviam empregar em a estudar, ocupam em perceber a língua. Com esta advertência, os Ingleses, Holandeses, Franceses, Alemães etc. começaram a tratar todas as Ciências em Vulgar. Esta hoje é a moda. Os melhores livros acham-se escritos em Vulgar; e qualquer homem, que saiba ler, pode entender na presente era todas as Ciências (Verney 1949: I, 272-273).

1. Assim abre Luís António Verney, no seu habitual jeito desassombrado, o Apêndice “Sobre o estudo das línguas modernas. (...) Necessidade e importância destas línguas”, na quarta e última carta do volume I do *Verdadeiro Método de Estudar* (doravante, VME); volume que António Salgado Júnior reservou para as Cartas I a IV e intitulou “Estudos Linguísticos” para referir matérias que fazem parte da historiografia da nossa língua.

Algumas destas matérias – “Estudos Elementares”, segundo Verney – são retomadas na última Carta do VME (Carta XVI; 1952: V, 47), dedicada à organização prática dos estudos. Note-se, porém, que, como diz Amadeu Torres, é sobretudo nas Cartas I e II “que o gramaticalismo verneyano se entremostra em corpo quase inteiro” (1998: 130); e, mais ainda, é na “Introdução Histórica, e Crítica à Gramática Latina” (1758: 10), “onde melhor podemos vê-lo em pose consciente daquilo que então se chamava a filosofia das gramáticas” (Torres 1998: 131).

Para o que agora interessa, vejam-se por pontos e de forma esquemática as matérias de cada uma das quatro cartas de “Estudos Linguísticos”:

❖ Carta Primeira:

A defesa do ensino da língua materna, propedêutico do do latim; a elaboração de um programa de estudo para a língua portuguesa, aproveitando o que de melhor tinha a obra de Jerónimo Contador de Argote, *Regras da lingua portugueza, espelho da língua latina* (Lisboa, 1721)<sup>1</sup>, também ela partidária de “ensinar aos rapazes primeyro a Grammatica da sua lingua vulgar, e depois ensinarlhes a Grammatica Latina (1725: Introduççam); a proposta de uma ortografia fonética (“... é certo que a língua portuguesa, todos assentam se deve escrever como se pronuncia; e assim não deve receber letras que se não proferem”, Verney 1949: I, 48); a apreciação crítica à dimensão excessiva do *Vocabulario Portuguez, e Latino* (Coimbra, 1712-1721), do P<sup>o</sup> Rafael Bluteau<sup>2</sup>, contra os princípios da boa razão – concisão, clareza, objectividade –, por oposição aos dicionários da Crusca (1612) e da Academia Francesa (1694), ambos legitimados por suporte institucional.

❖ Assuntos tratados na Carta Segunda:

A prossecução dos estudos gramaticais com o ensino do latim (“Depois do estudo da Gramática Vulgar, segue-se o da Latina”, Verney 1949: I, 135); a defesa de uma nova metodologia para o ensino do Latim<sup>3</sup>, em substituição da gramática do P<sup>o</sup> Manuel Álvares, cujo número de edições bateu o recorde no século XVII, em Portugal<sup>4</sup>; em substituição também dos seus comentadores,

---

<sup>1</sup> Acredita-se que a benevolência de Verney em relação a Argote fica a dever-se ao facto de o movimento das ideias linguísticas de Port-Royal, que levou o seu tempo a chegar a Portugal, só de forma clara se manifestar pela primeira vez na gramática de Argote, cuja introdução esclarece: “(...) alguns poderaõ estranhar a explicação, que dou a alguns pontos da Grammatica Portugueza, porèm os que forem versados na lição do novo methodo dos Padres da Congregação de Portroial, e da Grammatica discursada do Padre Lami, veraõ que na explicação da Grammatica Portugueza observo a mesma doutrina, que elles observaraõ a respeyto da Latina” (1725: “Introduççam”).

<sup>2</sup> Note-se que este Vocabulário português e latino é “pacificamente identificado como o primeiro dicionário essencialmente monolíngue feito para a língua portuguesa” (Marquilhas 2001: 106).

<sup>3</sup> Segundo Jean Caravolas, “L’Italie, L’Espagne et le Portugal sont des bastions jésuites. Dans l’enseignement des langues classiques, de nouveaux horizons s’ouvrent dans tous ces pays après la dissolution des collèges jésuites. Les guerres, la révolution française et l’occupation française ne permettent pas la pleine réalisation des réformes entamées en Italie par les piaristes et les Autrichiens, en Espagne par des penseurs comme Gregorio Mayans y Siscar et au Portugal par le Barbadinho” (2000: 204-205).

<sup>4</sup> Segundo o cômputo de Emilio Springhetti das edições que por todo o mundo se fizeram do *De institutione grammatica libri tres* (Lisboa, 1572), de Manuel Álvares, o século XVIII soma globalmente maior número de edições, mas em Portugal foi o século XVII que bateu o recorde: 13 edições contra 3 e 9 nas centúrias de 500 e 700, respectivamente (Springhetti 1960-61: 304).

glosadores e reformuladores Bartolomeu Rodrigues Chorro<sup>5</sup>, João Nunes Freire<sup>6</sup>, José Soares<sup>7</sup> e António Franco<sup>8</sup>, todos eles, com excepção do primeiro, que não era jesuíta, abrangidos pela proscricção pombalina (cf. Verney 1949: I, 135-136). Que o estudo do português precedendo o do latim e que o ensino da gramática latina feito em língua portuguesa constituam os dois pontos-chave da anunciada metodologia nova, não surpreende. O pomo da discórdia verneyana estava, como se sabe, na hegemonia da cultura alvarística, que potenciou desde logo a situação de vestibularidade da gramática vulgar.

❖ Carta Terceira:

A reflexão sobre matérias auxiliares da latinidade escolar, uma vez que “A Gramática é a porta pela qual se entra na Latinidade” (Verney 1949: I, 170), mas “não se pode saber Latim (...) sem alguma notícia da Geografia e Cronologia e das Antiguidades, em que entram os Costumes, a Fábula, etc.” (Verney 1949: I, 194). Assim, nesta Carta Terceira, o programa reformador dos estudos de latim contempla conhecimentos de história, identificados com a cronologia, e geografia.

❖ Carta Quarta:

Finalmente, a defesa do estudo de línguas clássicas – o grego e o hebraico, além de outras clássicas orientais (caldeu, siríaco e árabe, mencionadas na Carta XVI, Verney 1952: V, 76) –, a par do de idiomas modernos constitui a matéria desta última carta. Port-Royal e o gramático Claude Lancelot (a propósito da sua obra *Nouvelle méthode pour apprendre facilement la langue grecque*, 1655) são aqui apresentados a título de modelos pedagógicos para o ensino do grego, como língua estrangeira.

---

<sup>5</sup> *Curiosas advertencias da boa grammatica no compendio, & exposiçam do P. Manoel Alveres; em lingua portugueza*. Coimbra: Oficina de Joam Antunes, 1619.

<sup>6</sup> *Margens da syntaxe com a construiçam em portuguez posta na enterlinea do texto das regras della, pela Arte do Padre Manoel Alvres da Companhia de Jesus, para mayor declaraçã aos estudantes que começã*. Coimbra: Impressão da Viuva de Manoel de Carvalho Impressora da Universidade, 1653.

<sup>7</sup> *Explicationes in praecipvam partem totivs artis P. Emmanvelis Alvari quae syntaxim complectitur*. Ulyssipone: Ioannis a Costa, 1670.

<sup>8</sup> *Promptuario de syntaxe. Dividido em duas partes; na primeira se contém a syntaxe pela mesma ordem da Arte; nos escolios se poem a significaçã do nome, ou verbo com o caso competente. Na segunda se tratam algũas noticias cõgruentes à mesma syntaxe, que se pòdem ver na pagina seguinte*. Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1699.

2. Na rede escolar de Port-Royal, sob o magistério de teólogos jansenistas o nome do gramático Claude Lancelot aparece associado à renovação do ensino das línguas clássicas e aprendizagem de línguas modernas. As suas ‘nouvelles méthodes’ de latim (1644), grego (1655), italiano (1660) e espanhol (1660), todas elas escritas em francês, são sinal de ambiente escolar, por um lado, marcado pela “concepção pedagoga do método” (Calafate 2002: 207), por outro, receptivo às línguas vulgares (materna ou estrangeiras):

Puisque le seul sens commun nous apprend qu’il faut toujours commencer par les choses les plus faciles, & que ce que nous savons déjà nous doit servir comme d’une lumière pour éclairer ce que nous ne savons pas, il est visible que nous nous devons servir de notre Langue maternelle comme d’un moyen pour entrer dans les Langues qui nous sont étrangères & inconnues (Lancelot 1761 : 18)

Aberta a série das obras *Méthode* de Lancelot, até ao fim do século e ainda durante a centúria de Setecentos não parará o fluxo de gramáticas que ostentam nas portadas as designações de *método* ou *metódico*, como fez Verney. No que respeita à doutrina do seu método crítico, os princípios que expõe na Carta Oitava ao tratar da lógica (1950: III, 101), não podem desligar-se das reformas gramaticais que propusera em cartas anteriores, quer para as três línguas eruditas (latim, grego e hebraico), quer para as línguas modernas. Conceitos como o de método enquanto ‘operação do entendimento necessária em todo o género de ciências para descobrir a verdade’, procedimentos como o de ‘método analítico’ e ‘método sintético’, e princípios como os de ‘razão, experiência e testemunho dos autores enquanto fontes do conhecimento’ (Verney 1950: III, 105-106) têm um campo de aplicação gramatical.

Ao ocupar-se dos planos de ensino do latim, grego, hebraico e das línguas modernas, Verney propõe, em cada caso, um “método para este estudo”, que é apenas a florado no caso dos vernáculos estrangeiros, mas pormenorizadamente descrito em se tratando da gramática latina, ou não fosse essa a pecha maior da pedagogia inaciona. Quanto ao “Método recomendável” para o estudo das línguas modernas (Verney 1949: I, 274), poderá considerar-se parcimónia excessiva nas recomendações, que não vão além do uso de edições bilingues, uma vez que o assunto das línguas estrangeiras entrara na liça do campo do ensino desde que progressivamente tais línguas se foram tornando veiculares. Mas o facto explica-se à luz da valorização das línguas nacionais e

especificamente do português, no século XVIII. É de opinião Telmo Verdelho que “Em rigor, não se pode mesmo falar do ensino da língua portuguesa, ou pelo menos da escolarização da sua gramática, antes do século XVIII. Foi o Marquês de Pombal, já bem dobrado o meio do século, quem decretou tal ensino” (1995: 25).

Já antes de Port-Royal, Descartes publicara o seu *Discours de la méthode* (1637) em francês, provando ser o vernáculo uma língua de ciência; e o cardeal Richelieu fundara a Academia Francesa (1635), aprovado nos seus estatutos que “La principale fonction de l’Académie sera de travailler avec tout le soin et toute la diligence possible à donner des règles certaines à notre langue, et à la rendre pure, éloquente et capable de traiter les arts et les sciences” (Brunot 1930: III, 35). Mas no contexto das ideias linguísticas de Port-Royal, foi o pioneirismo da *Grammaire générale et raisonnée de Port-Royal* (1660), de Antoine Arnauld e Claude Lancelot, que maior impacto teve na concepção do vernáculo como língua de ensino, na descrição gramatical contrastiva das línguas modernas, e no postulado das causas lógicas e racionais da linguagem ao observarem-se dois níveis de descrição gramatical – o particular, relativo a regras específicas de cada língua, e o geral ou explicações universais, racionais e lógicas, válidas para todas as línguas –, com base no paralelismo entre a linguagem e o pensamento.

Que estes princípios e o programa de estudos concebido para as *Petites Écoles* de Port-Royal tivessem chamado a atenção de Verney, prova-o ter o mesmo admitido, no ponto da gramática latina, que “(...) essa glória [simplificação gramatical como método] estava reservada para o século XVII” (Verney 1949: I, 145); e já antes, quando se ocupara do vernáculo, ter igualmente admitido que “No século passado [isto é, século XVII] é que ressuscitou este método de ensinar a Gramática da própria língua” (Verney 1949: I, 32). Seguindo as anotações interpretativas de António Salgado Júnior – de acordo com as quais Verney se refere neste passo a iniciativas dos mestres de Port-Royal (Verney 1949: I, 32, nota 15) –, é de ressaltar o desapego por uma tradição nacional que desde o século XVII acusava sinais de mudança, quer em relação ao cultivo das línguas vivas, quer em relação à reforma da gramática latina.

A não ser assim, é incompreensível que Verney, embora afastado do seu país e mais envolvido com os ambientes culturais italiano e francês, ignorasse as propostas didáticas de um gramático seiscentista como Amaro de Roboredo, que tinha por referências principais Nebrija, Francisco Sánchez de las Brozas e Port-Royal. Já muitas vezes se salientou que o caminho aberto por Luís António Verney para a modernização do ensino, implementada pelo pacote das reformas pombalinas da instrução pública,

vinha já sendo trilhado por gramáticos da centúria anterior. Dir-se-ia, com Maria Lucília Gonçalves Pires, que “Verney é, portanto, uma voz que se vem juntar a outras. Mas uma voz que se faz ouvir de forma estrondosa, quer pelo tom virulento que assume nas críticas formuladas no *VME*, quer pela polémica que a obra desencadeia” (2001: 147), o que só favoreceu a sua difusão.

A esta aparente indiferença pela tradição nacional, contrapõe-se o acolhimento tributado às nações cultas da Europa. Donde, o papel de estrangeirado moderno atribuído a Verney, intérprete de uma cultura das Luzes, cujo epicentro foi francês. Além deste ambiente vanguardista que trazia no activo, é de supor o contacto directo com uma vasta galeria de gramáticos e filósofos europeus de que vem encharcada a introdução da *Gramatica Latina tratada por um Metodo novo, claro, e facil* (1758) – Júlio César Escalígero (*De causis linguae latinae*, 1540), Francisco Sánchez de las Brozas (*Minerva, seu de causis linguae latinae*, 1587), Gaspar Scioppio (*Grammatica filosofica*, 1628), Gérard-Jean Vossius (*De arte grammatica libri septem*, 1635) e Claude Lancelot<sup>9</sup> –, todos eles reformadores dos estudos gramaticais.

3. No mesmo âmbito da institucionalização da língua nacional, terá interesse aludir a outra matéria do plano reformista de Verney que, fazendo parte do clima de opinião da época, era um instrumento ao serviço do ensino e da descrição das línguas nacionais:

Tudo o melhor da Antiguidade se acha hoje traduzido em Francês, Italiano, e alguma outra língua. Os mesmos Poemas Épicos de Virgílio e Homero, como os de Lucrecio, Horácio, Terêncio, etc., tudo isto está hoje traduzido em verso italiano elegantíssimo, e alguns em Francês, etc.; as Orações e Obras Retóricas de Cícero, de Plínio, etc., e as suas Epístolas, também estão traduzidas (Verney 1950: III, 229).

Esta concepção de Verney ( “Conhecimento do Francês e do Italiano”, 1950: III, 228) será talvez uma das mais representativas do discurso sobre a tradução em Portugal no século XVIII, período em que, segundo Rómulo de Carvalho, “Estamos (...) perante uma nova faceta do progresso cultural: a da tradução, para as línguas nacionais, das obras de autores estrangeiros” (1996: 321)<sup>10</sup>. No palco de renovação ideológica, a

---

<sup>9</sup> Veja-se na “Introduçam Istorica, e Critica à Gramatica Latina”: “Creio que antes que o Lancelot publicase a sua brevisima *Gramatica Geral* em Paris 1660 (...) na qual ensinou a necessidade de examinar Filozoficamente a Gramática vulgar; nenhum Gramatico conheceo tal necessidade. E me admiro, que ainda depois dela os autores de gramaticas vulgares, e que escreveram neste seculo, se regulassem por outros princípios” (Verney 1758: XX).

<sup>10</sup> A este respeito, vejam-se os trabalhos sobre o discurso histórico da tradução nos séculos XVII e XVIII, apresentados num colóquio, em França, e editados por Michel Ballard e Lieven D’Hust (1996).

centúria de Setecentos instituiu-se o século das grandes traduções literárias e dos grandes tradutores portugueses de obras francesas, italianas, inglesas e alemãs. Dois factos da época são bem de notar. Por um lado, a proximidade com as obras francesas no que toca à generalidade dos leitores portugueses eruditos; por outro, o implemento das traduções de obras francesas à medida que o século XVIII avança (cf. Rodrigues 1992), sendo a tradução muitas vezes uma apropriação não declarada, mas nem por isso tida por abusiva (à luz da noção coeva de autoria).

Talvez não seja por acaso, mas por influência desta voga das traduções, que Verney, não apenas esconde a sua autoria da *Gramatica Latina (...). Traduzida de Francez em Italiano: e de Italiano em Portuguez* (1758) sob o disfarce de tradutor<sup>11</sup>, como, nesta mesma obra, reflecte sobre a bipolaridade das traduções “ad sensum” (importância do sentido, das ideias) e “ad verbum” (privilégio da palavra), categorias que têm caracterizado desde sempre o discurso traductológico e a prática da tradução:

Da explicasam Gramatical se deve pasar à tradusam dos Autores Latinos na lingua materna. No que o Mestre terá cuidado de lhe ensinar as verdadeiras leis da *Tradusam*: que se podem reduzir a esta unica: *Que nam se deve traduzir ad verbum, mas ad sensum*. Isto é, *voltar o sentido em outra lingua, com a mesma forsa, e grasa, que tinha no original*. Isto sim parece dificultoso ao principio, mas com o exercicio vai-se facilitando: e se pode executar bem em todos os estilos, ainda Oratorios, que parecem os mais embarasados (1758: 262).

Este quadro epocal vai a par, ainda, do interesse pelo estudo de línguas vernáculas estrangeiras, que se intensificou em Portugal durante o século XVIII, num período em que o espanhol deixa de ter o papel de segunda língua da elite cultural do país, enquanto as relações comerciais anglo-portuguesas favorecem a descrição do inglês, ao mesmo tempo da reputação de modelos culturais franceses. Sob uma perspectiva ilustrada do ensino, a aprendizagem de línguas vivas estrangeiras chega às instituições de ensino médio, como o Colégio Real dos Nobres de Lisboa (1761) que estatutariamente previa a formação em línguas francesa, italiana e inglesa.

Segundo J. Caravolas, “L’*intérêt des Portugais pour les langues modernes commence à la fin do XVII<sup>e</sup> siècle et s’intensifie au XVIII<sup>e</sup>”* (2000: 204). No que respeita ao inglês, “Em Portugal, também no século XVIII, e também por volta de meados do século, foi quando as publicações vindas a público começaram a testemunhar de modo claro o

---

<sup>11</sup> Pode-se ler, no texto preambular “O tradutor, a quem ler”: “Este manuscrito Francez passando por varias maons, veio finalmente às de outra pessoa inteligente, que o traduzio em Italiano para utilidade da sua Nasám (...). Desta tradusam Italiana pude ter copia, que parecendo-me bem, a traduzi em Portuguez para servir a outras Nasoens” (1758: 2r-2v).

interesse crescente pelo estudo da língua de Shakespeare” (Torre 1985: 9). Quanto ao francês, “Portugal viu-se no século XVIII exposto a uma maciça influência francesa” (Schäfer-Priess 2005: 105), ainda que a mesma autora considere “que as línguas estrangeiras modernas tiveram mínima importância no ensino institucionalizado, mesmo na época pós-jesuítica” (2005: 109).

Concomitantemente e em conformidade com a institucionalização deste ensino formal no século das reformas educativas do Marquês de Pombal, assiste-se ao incremento de materiais orientados para a aprendizagem do português como língua estrangeira, acompanhando também a produção editorial europeia de manuais de línguas não maternas e respectivos métodos de ensino. Trata-se de um ensino gramatical – o do português como língua estrangeira – professado por autores de nacionalidades diversas (portuguesa, brasileira, francesa, italiana, inglesa e americana) ao serviço de estudantes estrangeiros e que, entre a segunda metade do século XVII e finais do século XIX, deu origem a uma considerável produção editorial de gramáticas de português publicadas fora de Portugal e escritas em várias línguas modernas europeias (inglês e francês, sobretudo).

Todos estes materiais, sejam traduções ou manuais gramaticais de línguas não maternas, fazem parte do mesmo movimento de normalização linguística de idiomas nacionais, no contexto da Ilustração europeia.

#### Referências bibliográficas:

- ANDRADE, António Alberto. 1966. *Verney e a cultura do seu tempo*. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis.
- ARGOTE, Jerónimo Contador de. 1725<sup>2</sup>. *Regras da lingua portugueza, espelho da língua latina, ou disposição para facilitar o ensino da lingua latina pelas regras da portugueza*. Lisboa: Oficcina da Musica.
- BALLARD, Michel e D’HUST, Lieven (eds.). 1996. *La traduction en France à l’âge classique*. Villeneuve d’Ascq: Presses Universitaires du Septentrion.
- BRUNOT, Ferdinand. 1930. *Histoire de la langue française des origines à 1990*, Ts. III (1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> partes) e IV (1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> partes). Paris: Armand Colin.
- CALAFATE, Pedro (dir.). 2002. *História do pensamento filosófico português III – As Luzes*. Lisboa: Círculo de Leitores.

- CARAVOLAS, Jean A, 2000. *Histoire de la didactique des langues au siècle des Lumières: précis et anthologie thématique*. Montréal/Tübingen: Presses de l'Université de Montréal/Gunter Narr Verlag.
- CARVALHO, Rómulo de. 1996. "O uso da língua latina na redacção dos textos científicos". In: *Actividades científicas em Portugal no século XVIII*. Évora: Universidade de Évora, 207-337.
- GONÇALVES, Maria Filomena. 2010. "A normalização da língua portuguesa no século XVIII e o *Verdadeiro Método de Estudar* de Luís António Verney". *Confluência* 37/38, Revista do Instituto de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, 83-109.
- LANCELOT, Claude. 1761<sup>12</sup>. *Nouvelle Méthode pour apprendre facilement la langue latine*. Paris : Chez Nyon.
- MARQUILHAS, Rita. 2001. "Em torno do *Vocabulario* de Bluteau. O reformismo e o prestígio da norma no século XVIII". In: MATEUS, Maria Helena Mira (coord.). *Caminhos do Português – Catálogo da Exposição Comemorativa do Ano Europeu das Línguas*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 105-118.
- PIRES, Maria Lucília Gonçalves. 2001. "Verney e a língua portuguesa". In: MATEUS, Maria Helena Mira (coord.). *Caminhos do Português – Catálogo da Exposição Comemorativa do Ano Europeu das Línguas*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 135-154.
- RODRIGUES, A. A. Gonçalves. 1992. *A Tradução em Portugal*. Lisboa: INCM.
- SABIO PINILLA, José Antonio e FERNÁNDEZ SÁNCHEZ, María Manuela. 1998. *O discurso sobre a tradução em Portugal*. Lisboa: Colibri.
- SCHÄFER-PRIESS, Barbara. 2005. "Preliminares à história do ensino do francês em Portugal no séc. XVIII. O ensino do francês em Portugal no séc. XVIII". *O livro no ensino das Línguas e Literaturas Modernas em Portugal: do Século XVIII ao final da Primeira República*. Coimbra: A.P.H.E.L.L.E., 105-117.
- SPRINGHETTI, Emílio. 1960-1961. "Storia e fortuna della grammatica di Emmanuele Alvares, S. J.". *Hvmanitas XIII-XIV*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 283-304.
- TORRE, Manuel Gomes da. 1985. *Gramáticas Inglesas Antigas*. Trabalho complementar à dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (trabalho mimeografado).
- TORRES, Amadeu. 1998. "Verney e o filosofismo gramatical coevo, nas vésperas de novo centenário". *Gramática e Linguística. Ensaios e outros estudos*. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 125-134.
- Verdadeiro Metodo de Estudar, para ser util à Republica, e à Igreja (...), Em varias cartas, escritas polo R. P. \* \* \* Barbadinho da Congregasam de Italia, ao R. P. \* \* \* Doutor da Universidade de Coimbra*. Tomos Primeiro e Segundo. Valensa: Na officina Antonio Balle, MDCCXLVI.

VERDELHO, Telmo. 1995. *As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas*. Aveiro: INIC.

VERNEY, Luís António. 1758. *Gramatica Latina tratada por um Metodo novo, claro, e facil. Para uso daquelas pessoas, que querem aprendela brevemente, e solidamente. Traduzida de Francez em Italiano: e de Italiano em Portuguez*. Barcelona.

VERNEY, Luís António. 1949-1952. *Verdadeiro método de estudar*. Ed. organizada pelo Prof. António Salgado Júnior. Lisboa: Sá da Costa, 5 vols.